

CONTEM PORANEA



GRANDE REVISTA MENSAL



Volume IV

Nº 10

Contexto, editora

A presente edição da

Contemporânea

foi apoiada pelo Instituto Português do Livro e da Leitura e pela Fundação Calouste Gulbenkian/Centro de Arte Moderna. A sua tiragem de 1500 exemplares foi concluída em Janeiro de 1992 com composição, fotolito e montagem de Dimencor e impressão e acabamento de Rainho & Neves para Contexto, Editora, Lda.
— Largo D. Estefânia, 8-2.º Esq. — 1000 LISBOA — Tel: 570082

ES. 73.

24. MAR. 1992

DEP. LEG.

CONTEM PORANEA

Nº 10

Contexto, editora



Shi

ANEXOS

FOLHAS IMPRESSAS E PROVAS DE PRELO
DESTINADAS AO DÉCIMO QUARTO
NÚMERO DA CONTEMPORÂNEA
NUNCA CONCLUÍDO

D. SEBASTIÃO



Sperae! Cahi no areal e na hora adversa
Que Deus concede aos seus
Como intervalo em que esteja a alma immersa
Em sonhos que são Deus.

Que importa o areal e a morte desventura
Se com Deus me guardei?
É o que eu me sonhei que eterno dura.
É esse que regressarei.

FERNANDO PESSOA

A Palavra

Elemento de Beleza



As palavras não possuem em si apenas o poder intelectual de significar; ao contrário do que Henri Bremond afirma, nos Esclarecimentos á sua célebre conferencia sobre Poesia Pura, as palavras não são elementos racionalizados até á medula, não pertencem, por isso, exclusivamente á Prosa. Se possuem, de facto, uma significação natural que a razão domina, possuem tambem uma espiritualidade própria, um valor estético que só a elas pertence. As palavras são elementos independentes da Prosa ou da Poesia; só a intuição creadora, construindo um certo arranjo particular de palavras, é capaz de differenciar esta daquella. E' pelas palavras que a corrente da Poesia Pura se transmite; sem estas não existiria a Poesia manifestada e o milagre

de «contágio» não se operaria. Como descobrir essa espiritualidade das palavras?

Compostas como são de sons elementares ou fonemas, representados por letras, é nestas que a sua força anímica reside. Cada palavra é assim, o somatório necessário dos valores parcelares de cada fonema. Tão perdida vai já hoje a ideia do poder representativo das letras, da sua força íntima e simbólica que não é de estranhar a indiferença com que a sonoridade e o valor evocativo das palavras passam aos nossos ouvidos, valendo, quasi só, pela significação inteligente que encerram.

Quasi só... dissemos, porque algumas tentativas, no entanto, esboçam um início de reconstrução desse conhecimento em ruínas. Assim é que o poder suggestivo dos fonemas foi pela primeira vez abordado e estudado, com uma sensibilidade invulgar, pelo Visconde de Castilho; foi ele quem estabeleceu a correspondencia oculta entre os estados de alma e a expressão das vogais, entre as várias consoantes e os ruídos da Natureza. «O *A* é, para ele, brilhante e arrojado; o *E* ténue e incerto; o *I* subtil e triste; o *O* animoso e forte; o *U* carrancudo e turvo». De entre as consoantes, por exemplo, segundo aquele escritor, o *B* e o *P* exprimem percussão súbita; o *C*, com o valor de *S*, silvo; o *Z* zunido; o *K*, o *Q* e o *G*, com o seu valor áspero, escabrosidade e resistencia; o *L* estalido; o *R* sons fortes e trémulos, etc. Mais tarde novas ideias paralelas a esta surgem e se definem mais profundamente. É o livro de Court de Gebelin, ao qual Castilho ainda se refere e é, contemporaneamente, entre outros autores, o espirito claro de Si-

monne Rihouët. Para esta, na linguagem, dois elementos essenciais se encontram : o ruído e o canto, as consoantes e as vogais. E afirma :

«A música das vogais lançada e quebrada de consoante em consoante dá à língua humana o seu lugar especial entre as diversas expressões do som na Natureza. Pelo canto das vogais exalamos a nossa alma interior. A música que em nós vive escôa-se por esta voz. A gama dos sentimentos que em nós desperta, á vista do que nos rodeia, canta no unísono desta gama das vogais. Mas o som não recebe da vogal assim exalada nenhuma força plástica, não tem consistência e não sai modelada. Só toma forma ao sofrer o molde da consoante. Os lábios, os dentes, a língua, o palatino, são os esculptores que modelam o som e lhe dão a ossatura. Cada consoante é como uma força da natureza aprisionada em nós : quando esta força dos elementos penetra o corpo humano acorda, como em todo o sér vivo no Universo, um éco identico a si próprio. As línguas primitivas — continua — eram muito mais ricas de onomatopeias que as nossas línguas intellectuais. A língua moderna encerra uma quantidade imensa de palavras mortas e abstractas ; as que ela guarda em si, ainda justas e vivas, são as velhas palavras onde a seiva popular continua a reverdecer. A sua coloração conserva um reflexo da verdadeira luz que inspirou a escolha da sua sonoridade pela relação com o objecto que elas designam. A alma que vivia no objecto e a que vivia no homem identificaram-se pela palavra». O verbo, diz J. C. Mardrus «serve para lançar o grito, isto é, a atracção de todo o ser para o objecto desejado. Desejo. E eis a paixão. Eis o amor. Porque caminhos ele chegou até nós. Eis o amor, eis o maior dos Deuses. O mundo salvou-se da destruição».

Eis o milagre da palavra!

Ela estabelece o contacto entre a nossa alma e o Universo, a relação entre o microcosmo e o macrocosmo. Pelas consoantes *interiorisamos*, afeiçoamos a nós o mundo que nos cerca, numa necessidade de comungar com ele. Pelas vogais *exteriorisamos* todo o espiritualismo, toda a ansia de infinito da nossa alma, a tudo e a todos dando uma parcela anímica do nosso coração. E' neste processo que o Amôr se manifesta e se traduz. A palavra é a alma infinita feita carne; é sentimento oculto e percepção, música anímica e compreensão, som musical, ruído e forma de expressão concreta. É, simultaneamente, intuição, intelligencia e instinto. Nela se manifesta a força cósmica do som, o poder constructivo, conservador e destructivo no Universo. É ritmo e dissonancia, grito e murmúrio, imprecação e prece. Por isso ha palavras que matam como ha palavras que curam.

Ha nelas, decerto, uma hierarquia de riqueza espiritual e de nobreza de sangue.

umas tem a sua origem no começo de tudo, mergulham as suas raizes na própria essencia íntima e misteriosa das coisas; outras nasceram apenas ontem á custa das locuções mais ou menos engenhosas dos filólogos para proverem a necessidades do momento. Aquelas são naturais, estas artificiais, umas simples e luminosas, outras complexas e obscuras. No sentido e no valor das palavras naufragam sempre os poetas menores e aqueles que ainda apenas balbuciam a linguagem da Poesia.

Mas as palavras não exprimem somente ideias e sentimentos, não são tambem apenas uma expressão humana dos sons da Natureza. As palavras sugerem ainda as formas; por intermédio das vogais, as palavras procuram copiar o aspecto e as dimensões dos objectos que exprimem.

Quando ainda se não attribua às vogais um valor cromático — como no soneto de Rimbaud — devemos attribuir-lhes um valor suggestivo de forma.

É assim que a vogal *I* dá aos vocábulos a ideia linear de comprimento.

É um som agudo, rectilíneo: É a vogal a uma dimensão. A seta despedida no espaço gera o som *i* que se prolonga em todo o comprimento do caminho percorrido.

Vejam-se as palavras: Linha - fio - caminho - rio - rectilíneo - vinco - fibra - fibrino - afiado - espira - estria - esguio - fino - risco, etc.

O *A* e o *E* sugerem a ideia espacial de superfície. São dois sons espalhados, o primeiro talvez mais vasto que o segundo. Resultam do choque de dois planos. Duas vogais a duas dimensões. São exemplos as palavras: superfície - planície - plano - planalto - terra - areal - praia - deserto - esparso - interminável - árido - errático - distancia - estagnado - lago - mar - perspectiva - espalhado - vasto - amplo, etc.

Nalguns destes vocábulos o som *i* acorda também a ideia de comprimento extensivo.

O *O* dá uma ideia de espaço limitado, é um som circular e volumoso; é já uma vogal com três dimensões. Vejam-se as palavras: esferoide - globo - pólpa - concavo - órbita - onda - grosso - etc.

Este som anda intimamente ligado ao som *U* que sugere, mais que aquele, a ideia de profundidade; desta simbiose nasceu o ditongo *ou*, ou o seu correspondente sonoro *ô*. É a expressão do som ressoando numa concavidade. As nasalizações *om* e *um* acentuam a ideia. Exemplos - Circuncluso - mundo - volume - sinuoso - túrgido - tímido - inerustado - vinculado - ruga - fôssô - pôço - polpudo - convoluto - circunflexo - conduto - fundo - profundo, etc.

Na palavra *lago* ha a ideia de extensão superficial das águas, em *laguna* ha já um mistério de profundidade. A mesma distinção faremos entre mar e oceano. A palavra *despida* não convirá de preferencia, pelo que dissemos e que é uma auscultação da lingua, a tudo o que traduza superfície e extensão (e, i, a), como terra despida, planície despida? E a palavra *nua* não irá antes para uma ideia de volume, como por exemplo: um corpo nu? Não será contrariar a índole da lingua dizer um corpo despido ou uma planície nua?

E se a expressão sonora das vogais sugere a ideia das dimensões, porque a não ha-do sugerir também a sua forma gráfica, a geometria do seu desenho?

Não é a letra *I* uma simples linha? E o *A* e o *E* não serão um cruzamento de linhas como as superficies? Não tem o *O* a forma circular e o *U* a forma funda e concava dum fôssô?

Dantes, com a passagem da representação ideográfica dos objectos e do simbolismo das ideias abstractas, pela sua representação metafórica, para a criação do alfabeto demótico e, ainda, com a transição gradual de certos hieroglifos em valores puramente fonéticos, a expressão pictural das palavras obliterou-se, dando lugar á expressão dos sons da palavra falada. Mas quer o alfabeto fenício, origem do grego, derive directamente do hierático egípcio ou, como hoje se pretende, dos hieroglifos hititas o que parece verificado é que, possuindo as letras no desenho especial das suas formas, além duma significação oculta (1), hoje talvez totalmente esquecida, uma expressão ideográfica, tais sentidos não podem deixar de se ter transmitido; ao menos em parte, ás suas sucedâneas do alfabeto grego e, consequentemente, ás nossas.

Derivando as nossas vogais daquele alfabeto, elas possuem, ainda hoje, uma forma gráfica semelhante á antiga e, o que é mais, valores aproximados dos antigos valores.



(1) Sabe-se quanto o simbolismo dominava a actividade espiritual dos antigos; este simbolismo perdurava e transmitia-se pelo ensinamento esotérico das religiões nos vários povos. Diz Eliphaz Levy que as vinte e duas letras que compõem o alfabeto hebraico são outros tantos símbolos naturais explicando os mistérios mais secretos das leis que presidem á criação dos seres e das coisas. Afirmo que os princípios desta sciencia devem encontrar-se reunidos nos próprios sinais que compõem o alfabeto primitivo.

Por outro lado, sabendo-se que foram os gregos que criaram sinais representativos dos sons das vogais, por isso que na escrita semítica não existiam senão consoantes, sabe-se também que esses sinais foram escolhidos entre os caracteres fenícios.

Que espírito presidiu a essa escolha? Que razões levaram á alteração do desenho de certas letras como o *I* derivado de *Jod* hebraico e o *A* derivado do *Aleph*?

Seja como fôr, constatamos um facto, baseados no desenho representativo dos fonemas de hoje.

Finalmente, se nem todas as palavras, sugerindo fôrmas, encerram em si igual poder de expressão isso não significa senão uma alteração do seu valôr ou o defeito duma origem artificial.

A palavra *abismo* é flagrante de adulteração; abismo invoca sempre a ideia de profundidade e, no entanto, a vogal *U* falta nela. Porquê? Porque esse *u*, existindo na forma original da palavra — *abyssum* — desapareceu. O *I* — dantes o *Y*, mais expressivo aqui na fôrma do desenho — não nos dá a ideia do comprimento, da extensão do abismo e o *u* a sua profundidade?

Devemos estudar profundamente a estrutura natural da língua para que, num campo da Estética, lhe demos todo o brilho que vem perdendo; será uma nova filologia a construir, bem mais sólida que todas as filologias contemporâneas.

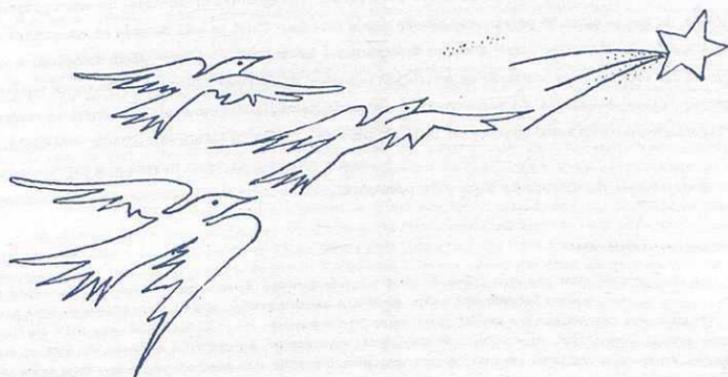
Ela nos obrigará a tratar amoravelmente as palavras, ensinando-nos a escolher as verdadeiramente belas de entre as que o não são, a emprega-las no sitio exacto onde devam fulgurar por si.

Um estudo orientado neste sentido dar-nos-á, através das transformações sucessivas da língua, a compreensão natural do sentimento dum povo.

Depois — quem sabe? — talvez que, num futuro próximo, quando as artes gráficas acentuem mais ainda o desenvolvimento que vão tomando, novas concepções no desenho das letras sirvam para acentuar, na medida exacta, o valôr pictural e ideográfico dos termos.

MÁRIO ALVES PEREIRA

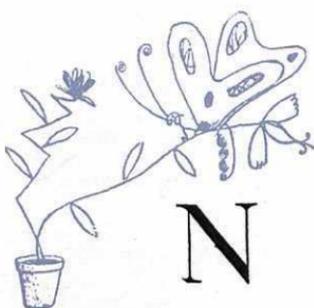
Do livro inédito: «O CAMINHO DAS ARTES»



O PENSAMENTO ALEMÃO DEPOIS DA GUERRA

A história da filosofia é uma raiva secreta contra as condições da vida, contra os sentimentos de valor da vida, contra a decisão em favor da vida. Os filósofos nunca hesitaram em afirmar um mundo, com a condição de estar em contradição com este mundo, e de nos munir dum instrumento que possa servir para falarmos mal d'êste mundo.

NIETZSCHE, WILLE ZUR MACHT



A confusão e intranquilidade em que o grande conflito deixou a Europa, duma nação sobre todas nos interessa conhecer o estado de espirito, as ideas em organização e as soluções de vida nova procuradas pelo seu escol de filosofos, teologos, sabios, educadores, economistas sociologos, romancistas, poetas e industriaes. (É no cérebro da elite dum povo que sempre existe em embrião o seu futuro). Esta nação é a maior responsavel e maior vitima da guerra europeia — a Alemanha. Respigar, pois, em revistas, livros e jornais, o que naquella pátria de sistemas constituirá o *novo sistema* de um dos mais fortes e progressivos povos, pareceu-nos tarefa util e muito oportuna. A par da visão admiravel, de

muita subtilidade e profundidade intelectual, mais de uma lição de energia, de vontade firme de viver com claro entendimento a vida moderna, podemos tirar para a resolução das dificuldades da nossa própria existência, do que se agita no pensamento alemão e pelo laborioso *Reich* se está fazendo ou em gestação. Os que como nós vêm nas ideas alimento indispensavel ao homem (1) (digno desta categoria) e ao progresso das sociedades, encontrarão na actividade espirital dos homens dalem Reno numerosos topicos dignos de leitura e reflexão. Só por esta razão nos seria licito afastarmos os olhos ansiosos da chama que arde na brazeira do nosso pequeno lar lusitano, para, pela nesga da janela entreaberta, contemplarmos a paisagem do vasto terreno que nos circunda.

Como depois da derrota de Iena, (2) o povo alemão quiere fugir ao abatimento e á descrença nas

(1) «Será possível viver sem ideas? Esta é que é a grande questão.» Assim escrevia Antero na célebre carta a Antonio Feliciano de Castilho, em 1865. A pergunta continúa tendo a maior actualidade entre nós.

(2) Ainda mais completa do que a de 1918. O «colapso físico e psíquico» de que Thomas Mann agora (1926) nos fala, foi então colossal, porque, além de vencido, o Exército alemão ficou desfalecido, desmoralizado, desonrado. Em 1806 um dos conselheiros de Frederico Guilherme entendia que era necessario, não pedir, mas esmolar a paz. O duro golpe ferido por Napoleão no ânimo prussiano parecia fatal, mercê da fraqueza ingenua do rei («Que um fraco rei faz fraca a forte gente»). Não

suas faculdades, procurando explicações, criando doutrinas, elaborando novas forças que lhe preparem futuro economicamente próspero e mantenham o país no primeiro plano dos povos criadores pelo pensamento e pela acção. (Nas nações como nos homens a adversidade é a grande pedra de toque). A tarefa que sobretudo se propôs o espirito alemão depois da derrota foi o esclarecimento das origens próximas e remotas da guerra. A poucos interessou como e porque a Alemanha fôra vencida (3). Rejeitando quasi todos a responsabilidade alemã nos intencionais preparativos para o conflito e na sua explosão, ao que chamam «a mentira da responsabilidade da guerra», trataram sobretudo de explicar como a Alemanha se deixara envolver numa guerra de tal natureza que a derrota era inevitavel (4). Esta a attitude mental da maioria dos investigadores. No campo objectivo uns se tem dado a procurar, nas secretarias e nas memórias, documentos e argumentos que provem a ausência completa de premeditação da parte da Alemanha, a sua inocência, a sua situação de vítima das circunstâncias e da falta de providência e tino dos dirigentes. No mesmo intento appareceu, de começo, a distincção capciosa entre Alemanha e povo alemão e se quis fazer crer numa separação entre o novo estado republicano e os antigos dirigentes, o que a eleição de Hindenburgo nos não permite hoje admitir (5). No campo especulativo, no terreno largo do pensamento puro, filosofos, historiadores e sociologos procuram trazer para a vida conceitos novos que reabilitem o povo alemão das suas tremendas responsabilidades e o reafirmem na consciência da sua própria dignidade, na convicção de que elle não é, como lhe querem fazer crer, um «inimigo da humanidade», mas pelo contrario o representante da mais alta humanidade. Ao lermos depois da guerra os mais representativos dos pensadores alemães, não podemos deixar de pensar que o fim que suscita e inspira a sua orientação, é por um lado, limpar a consciência alemã dos seus crimes, por outro criar a nova mentalidade que levará mais uma vez o país a ignorados e inquietadores destinos.

* * *

As condições que levaram a Alemanha ao beco sem saída da guerra tem sido pois cuidadosamente investigadas e expostas. A pungente pergunta que hoje todos se fazem é: Poderíamos ter evitado a guerra? Como? Procurando um melhor entendimento com os outros povos? Seria elle possível

faltaram depois os Stein, os Scharnhorst e os Gneisenau, passadores e homens de sciência como Fichte e A. Humboldt, para galvanisarem a vontade alemã e a levarem aos maiores prodigios.

(3) Os chefes militares não deixaram de querer provar a cuidadosa preparação que o exercito tinha recebido e ostentou a sua habil' condicção durante a guerra, a bravura nos duros e continuados combates. O exercito alemão não fora vencido; tivera de ceder perante a esmagadora superioridade numerica do inimigo, que desde o primeiro dia fora um facto (1), e ainda assim só cedera pela traicão daqueles maus alemães que lhe vibraram uma punhalada pelas costas. Parece-nos de algum perigo para a paz futura esta vontade de conservar a illusão do exercito alemão invencivel. A história official da guerra, *Der Weltkrieg 1914 bis 1918*, da qual acaba de sair o quinto volume, apesar de corrigir nalguns pontos Falkenhayn e outros chefes do Exército, não deixa de manter o orgulho militar prussiano. Nalgumas fases da guerra, por exemplo, não foi o inimigo, mas «as forças da natureza» que impediram o avanço alemão. Neutras um spedia ter sido: vem consolar as desilusões germanicas.

Quem desejar documentar-se pode ler os livros de Hindenburgo, Ludendorff, Falkenhayn e Hoffmanns.

(4) A convicção de que a derrota era inevitável chegou de facto à consciência alemã na tarde do dia 4 de agosto de 1914, quando o embaixador inglês em Berlim Sir E. Goschen fez comprehender a von Jagow e ao chanceler que a violação da neutralidade belga implicava a declaração de guerra da Inglaterra. As scenas que então se deram nos gabinetes e na rua são bastante elucidativas. Ler o Doc. N.º 160 dos White Papers. Sobre o problema geral das origens remotas e próximas da guerra publicou-se recentemente uma obra imparcial: *The Origins of the World War* do americano Sidney Bradshaw Fay.

(5) E' certo que hoje a Alemanha official parece desejar o derramamento do espirito de solidariedade humana, ao passo que muitos cidadãos alemães e organizações particulares dão mostras do contrario. O artigo 148 da Constituição de Weimar diz expressamente que «um dos fins da educação deve ser cultivar o caracter nacional alemão e o espirito de reconciliação internacional. Se este se tornasse, na verdade, um fim nacional, por certo temos que a Alemanha o conseguiria. Não esquecermos

com a França ou com a Inglaterra, ou com ambas as nações? Eram realidades as aparências de ameaça que sentíamos sobre nós? A Europa moldada por Bismarck era impossível, respondem. A própria Alemanha que nos legou o seu braço de ferro era insustentável. Faltavam a sua vontade e inteligência para a mantêr. Logo von Caprivi e o inexperiente Guilherme II se afastam da Rússia e deixam o país sob a exclusiva dependência da aliança austriaca, situação que o grande chanceler muito temia e reprovou acerbamente.

Todas as ambições pangermanistas da *Welt Politik*, os grandiosos planos de expansão colonial, inspirados pela casta militar que dominava, tinham como apoio, além do exercito e da esquadra alemã (crescendo aceleradamente) a Triplice Aliança. Mas a situação desta era verdadeiramente precária: por um lado a Italia aproximava-se cada vez mais da França e tinha sempre mostrado pouca disposição em tomar parte em qualquer conflito contra a Inglaterra; por outro a politica seguida pelos Habsburgos nos Balkans era bastante ousada e perigosa. Assim, os alicerces do grande edificio alemão, se eram economicamente deficientes como mais duma vez se revelára (6), politicamente não ofereciam a solidez precisa á superstrutura que sobre eles queriam montar. A verdade era que, em vez da Alemanha retirar qualquer vantagem de ter ligado a sua sorte á Dupla Monarquia, único apoio certo com que exteriormente podia contar a sua *grosse politik*, era esta que retirava todas as vantagens, a envolvia nas suas aventuras (muitas vezes sem a consultar), valorizava excessivamente a sua aliança, explorava em seu proveito o isolamento alemão e na realidade arrastava a Alemanha atrás de si como um cadáver. O que Bismarck tanto reecara era um facto: a Alemanha estava na exclusiva dependência da Austria-Hungria, era a sua serviçal em vez de sua dirigente.

Nem todos estavam cegos para os grandes perigos que envolviam esta posição internacional. O embaixador em Viana, Herr von Tschirshky via com grande anciedade a que destinos a monarquia austro-hungara, desconjuntada nau rangendo e fazendo água por todos os lados, levaria o país; e o principe Lichnowsky embaixador em Londres, fazia esforços pessoais para um bom entendimento com a Inglaterra e dava avisos que os dirigentes de Berlim menosprezavam, passando sobre elle e servindo-se de agentes secretos para as suas combinações. (8)

A attitude e actos da Alemanha oficial criavam no mundo a convicção de que estava determinada a conquistar o seu lugar ao sol pela força das armas, pois não via outro meio de o conseguir (9).

que muitos anos antes da Guerra Wirchow pedia que a educação da juventude alemã fosse regulada e dirigida de modo que todos os alemães no futuro adquirissem a mesma maneira de ver e de pensar. E duma maneira geral podemos dizer que assim sucedeu. Mas a agitação do pensamento pangermanista continua e com ella os exageros do grupo que inspira a revista *Die Kriegsschuldfrage*.

(6) Quando a organização de um Estado depende essencialmente das virtudes dum homem está sentenciada a fazer grande mudança quando esse homem falta. A França de Napoleão, a Inglaterra de Cromwell, a Alemanha de 1871 sem Bismarck, a Russia europeizada sem Pedro o Grande. Desde então tem oscillado entre a Europa e a Asia. Seria uma Eurasia, especie de híbrido de duas civilisações, com relampagos de gólo, intermitentemente, numa e noutra face. Muitos afirmam que optou definitivamente pela Asia.

(7) Um financeiro francês contou-nos em 1911, numa viagem entre o Egipto e Marsella, como a Alemanha no prosseguimento da sua politica na Turquia, (cujos frutos colheu na Guerra) fixara todos os esforços a empregar todos os meios (inclusivê a intriga) para obter o empréstimo turco que por 1910 se fez, e como depois dele conseguiu os banqueiros alemães foram a Paris procurar numerário que não podaram conseguir em Berlim. Foi lhes recusado.

(8) Quando em 1918 o pacifista von Beerfeldt, official do exercito, cometeu a inconfidência de publicar as notas secretas de Lichnowsky, «*Meine Londoner Mission*», levantou-se um enorme clamor que muito prejudicou os defensores da guerra. O principe teve de seguir o caminho que anos antes percorrerá o pacifista Förster, refugiando-se na Suíça.

(9) Ficou célebre a mensagem enviada por Guilherme II a seu irmão, o principe Henrique (que morreu há pouco), em 1897, quando largava de Kiel com a divisão de cruzadores para o Extremo-Oriente. Dizia-lhe: «Se algum se atrever a interferir

C A N Ç Ã O

Não. Beijemo-nos apenas
Nesta agonia da tarde.

Guarda
Para um momento melhor
Teu fragil corpinho loiro.

O meu desejo não arde.
E a convivencia contigo
Modificou-me, sou outro.

A névoa da noite cahe.

Que bem que ficam as rosas
Nos teus cabelos doirados!

— **A** morte,
Devia ser
Uma vaga phantasia.

Dá-me o teu braço, — não ponhas
Essé desmaio na voz...

Sim, beijemo-nos apenas.

Que mais precisamos nós?

ANTONIO BOTTO

T O M A Z G . M A S A R Y K

Em memória do seu 79.º aniversário natalício
por

DR. FRANCISCO KADERABEK
(MINISTRO DA TCHECOSLOVACHIA EM LISBOA)

*«Procura a verdade. Obedece á verdade. Aprende a verdade.
Ama a verdade. Diz a verdade. Guarda a verdade. Defende a
verdade até á morte.»*

Ano de 1886.

Toda a cidade de Praga, sabios, povo, imprensa, enfim, toda a nação tcheca está profundamente agitada.

Um tcheco, professor universitário, cometeu o nefando crime de ridicularisar perante todo o mundo; as mais santas reliquias da pátria.

Contra a opinião de todos aqueles que lhe fazem justiça, embora por conveniência ou por medo se calem ou aconselhem o silêncio — esse tcheco atreveu-se a negar, demonstrando, a autenticidade dos preciosos manuscritos tchecos dos séculos XII e XIII, os quais se tinham tornado o paládio da nação que se libertava da agonia da consciencia nacional em que a lançara o Habsburgo germanisante, depois da Montanha Branca!

Que resposta, a dèsses manuscritos aos alemães que, gostosamente, tratavam os tchecos de barbaros! «Não é honroso para nós procurarmos a verdade entre os alemães; ela está nos santos ensinamentos legados pelos antepassados» — diz o famoso manuscrito de Zelena Hora.

Que nobreza de caracter e que grande civilização possuíam os tchecos já no seculo XII!

«E agora? Tudo ruiu, mergulhou no pó! Aviltou-se a honra da nação, conspurcou-se o simbolo do patriotismo, a sagrada Biblia da Nação Tcheca!

Alastra o sarcasmo!

«Desgraçado daquele que provoca o escandalo!...»

Alguns anos depois. Em Praga, 1889.

Enlouquece o povo! *Á morte! á morte*, como um éco da antiga Jerusalem, ouve-se por todos os lados, grita-se de todas as bocas!

Praga inteira anima-se aos frémios duma paixão exaltada e cruel, enquanto os tribunais, suggestionados pela turba, condenam á morte um moço judeu acusado de assassinio ritual.

E todos aplaudem a sentença!

«Finalmente, a lenda tornou-se realidade.»

Mas todos? Praga inteira? Não.

Muitos intelectuais acompanharam com desgosto os disturbios do povo e, não acreditando nesta abominavel lenda do assassinato ritual, envergonham-se da sentença, provocada pelo ódio do movimento anti-semita. Contudo, não se atrevem a soffrer a cólera das multidões.

Para quê? Hilsner — o condenado — parecia não merecer uma simpatia, o seu passado era comprometedor.

Não seria preferível abandoná-lo ao seu destino? Para que arriscar a popularidade, perder a influencia ou até mesmo a própria vida?

Que loucura! Para quê e porquê?

Mas ha ainda um homem que, não hesitando, lança-se sósinho contra este funesto fanatismo, ataca-o, exige a revisão do processo e consegue-a. E o novo juri é obrigado a reconhecer que a accusação do assassinato ritual é destituida de fundamento!

Então, o mais violento ódio atiza-se contra este homem que afrontará valentemente as iras do povo e, arriscando-se a tudo, tivéra a coragem de afirmar a verdade!

Mas quem é elle, para quem a verdade, o direito e a sciência valem incomparavelmente mais do que a profissão, a popularidade, a existência?

Tomaz G. Masaryk — O primeiro Presidente da Republica Tchecoslovaca!

«De que serve dizer a verdade publicamente e perante o estrangeiro, comprometendo a nação?... — censuraram-lhe, ácerca da questão dos manuscritos.

«Desgraçado daquele que provoca o escândalo!» — repetiam-lhe os outros.

E Masaryk respondia: «Se para a revelação da verdade é forçoso o escândalo, é preferível aceitá-lo a repudiar a verdade! A honra do povo exige que a reconheçamos e defendamos. Ha mais coragem e maior mérito em confessar os próprios erros do que em aceitar uma fantasia, embora ela seja partilhada, por todo o povo. Basta de frases. Não vivamos exclusivamente da glória dos antepassados, servindo-nos do fulgor do seu génio; não é a história que cria o presente; é o presente que, glorificando a história, a cria...»

«Porque não abandonar um simples judeu, cuja perda não será sentida nem pela sua familia, nem pelo Estado, nem ainda pela humanidade, e para que desencadeio o ódio das multidões?... — exprobaram-lhe em referéncia á questão Hilsner.

«Pela honra do meu país, por um homem» — respondeu Masaryk.

«Hilsner é também um Tcheco e compreende-se esta terrível accusação do povo tcheco, tratando-se duma bárbara lenda do assassinato ritual? Por motivos de pura ética, tive o dever de opôr-me e demonstrar a falta de fundamento desta abominável lenda».

«De resto, Hilsner, não é um homem? Não era Hilsner quem defendia, era — o homem. Sejamos homens, homens acima de tudo.»

As raivas da multidão, provocadas pelos estudantes e acompanhadas de demonstrações anti-semitas que se desencadearam, depois da questão Hilsner, contra Masaryk, eram de tal modo violentas que este, denunciado como vendido aos judeus, insultado na sua dignidade e abandonado pelo partido de alguns dos seus amigos, pensava em sair do país e occupar um lugar de professor, no estrangeiro.

Mas depressa reagiu contra este instante de fraqueza e ficou, afim de continuar — como diz E. Denis — o seu apostolado da verdade e orientar este povo que elle amava.

«As almas fortes distinguem-se sempre por qualquer coisa de cavalheresco; amam o combate leal, franco.

O mal das sociedades modernas consiste na perda de personalidade, no médo de iniciativa, na fuga perante a responsabilidade. Não nos submetamos à opinião alheia, não nos deixemos arrastar pelas correntes, nem sejamos os temidos discipulos do passado...

A pesquisa e a defeza da verdade tornando-se para Masaryk o grande ideal

embora com risco da própria vida, levam-no ao rompimento com a Austria, donde surgiu, finalmente, a independencia da Republica Tchecoslovaca.

Eleito deputado, redobra de trabalho, para desenvolver as qualidades do seu povo, não deixando, todavia o campo dos factos.

«Estamqs na Austria e o nosso destino não pôde separar-se do da Monarquia» — comenta no programa do partido realista que creou:

«Não temos qualquer pensamento revolucionario, mas não sacrificaremos uma só das nossas legitimas reclamações ou necessidades principais» — diz mais tarde Masaryk.

«Se fazeis uma politica racional, seguimos o exemplo de Comenius» — afirma no *Reichsrat*. O papel do Parlamento é o de tornar a Austria numa grande força civilisadora.»

Mas que pensavam os d'Aehrenthal e os Tisza da liberdade dos povos austriacos?

«Divide e impera» — era a divisa dos Habsburgos, a tradição que levou Francisco I a declarar, uma vez, ao embaixador de França: «Os meus povos são absolutamente estrangeiros entre si, o que é deveras favoravel.

Não são atingidos, ao mesmo tempo por iguaes doenças.

Em França, quando lavra uma epidemia, vítima todos ao mesmo tempo.

Coloco os meus húngaros na Italia, e os italianos na Hungria. Cada qual vigia o seu visinho. Não se compreendem e detestam-se.

Das suas antipatias nasce a ordem e do seu ódio a paz geral.»

Foi este, na realidade, o sistema de governo seguido na Austria, sistema cínico e diabolico que aproveitava da ignorancia e do ódio mutuo dos seus povos.

Recendo-se que estes se não unissem e sublevassem para derrubar a maquiavelica politica austriaca, foi preciso manter a inimizade entre tchecos e alemães, croatas e húngaros, italianos e jugo-slavos. E quando, na Croacia, se excitavam os servios contra os croatas, na Bosnia o governo favorecia estes em prejuizo dos sérvios, e os católicos contra os ortodoxos, afim de preparar o último golpe — a união de todos os slavos do sul sob o sceptro dos Habsburgos.

Desta politica quasi resultou, em 1908, a anexação da Bosnia-Herzegovina á Austria-Hungria.

Faltava vencer o último obstaculo, que era a absorpção do Reino Servio independente.

Para se esmagar esta Servia inventou-se, como pretexto, em 1909, o famoso processo de Zagreb e mais tarde o de Friedjung em Viena, pelos quais a Austria-Hungria pretendia mostrar a todo o estrangeiro que a pequena Servia preparava a guerra contra a monarchia austro-hungara!

Foi nessa ocasião que Masaryk se dirigiu a Zagreb e a Belgrado, e aí, depois de um inquerito minucioso e irrefutavel, observou e revelou que o Ministerio dos Negócios Estrangeiros austriaco, servindo-se da sua legação em Belgrado, fabricára documentos falsos e recrutava elementos de desordem pagos por aquele ministerio.

Em Maio de 1909, Masaryk levou o assunto ao «Reichsrat», afim de provar que todos os processos tinham sido inventados e baseados sobre os falsos... Foi aí que Masaryk rompeu definitivamente com os Habsburgos e com a Austria. Desde então adquiriu a certeza de que a demolição do velho edificio construido sobre o terror e a mentira era uma exigência da prosperidade publica.

«Não o animava qualquer espécie de fanatismo nacional, nem cedia a um devaneio da imaginação.

Aceitava as conclusões ditadas pela razão e impostas pela experiência. Que exigiam os povos? A Paz. E esta paz era impossivel enquanto subsistisse um império de opressão, que nunca aceitára lealmente o principio da igualdade das raças.

Qual a condição essencial do progresso? O amor do próximo.

Ora, como conciliar este amor do próximo com um regimen que tom esclaviva-

mente por lei o privilégio? A ordem social só pôde ter por base a dignidade do indivíduo, criada no respeito de si própria e no culto da verdade. A dinastia dos Habsburgos nunca conheceu senão a mentira, como único meio de govôrno; o seu fim era o aviltamento das raças; o seu ideal, o triunfo da força bruta. Entre êle e o novo mundo que quer nascer, não é possível qualquer conciliação.

Não se pactua com os d'Aehrenthal e os Tisza». (*E. Denis*).

É d'então que, verdadeiramente, nasce a Republica Tchecoslovaca.

M. Thomaz Masaryk nasceu a 7 de Março de 1850, em Hodonin (Moravia). Seu pai exercia a profissão de cocheiro numa herdade dos domínios imperiaes; sua mãe de origem tcheca, recebera, todavia, uma educação alemã. O jovem Masaryk frequentou a escola de Cejkovice, mudando-se depois para a escola real de Hustopec. Aos treze anos vai aprender o officio de serralheiro, em Viena, e pouco mais tarde o de ferrador em Ceje. Mas obtida a autorização paterna, continua os estudos como professor auxiliar da Escola Primaria em Cejkovice aprende o latim e o francês, passando no ano de 1865 ao Liceu de Brno. Termina o curso secundário em Viena, matricula-se na Universidade desta cidade e tira o grau de doutôr em filosofia. Em Leipzig trava conhecimento com Charlie Garrigue, joven americana que estudava musica, e com quem se consorcia em 1878, acrescentando o seu nome ao de sua esposa para obdecer ao costume americano. Em 1882, quando a velha Universidade de Praga foi desmembrada em Universidade tcheca e alemã, Masaryk aceita a nomeação de professor agregado de filosofia para a Universidade tcheca. Depressa se torna o organizador da vida scientifica de Praga, cria uma revista *Athenaeum*, elabora o plano da «Enciclopédia Tcheca». Em 1891 é eleito deputado ao Parlamento de Viena e, no ano seguinte, na Dieta da Bohemia, demittindo-se, porém, em 1893. Dois anos depois, funda a revista «Nase Doba» (a Nossa Epoca). Separa-se do partido Neo-Tcheco e organisa em 1900, o partido progressista, chamado tambem realista, de que é chefe e que tem o jornal «Cas» (O Tempo), por órgão official. Em 1907, volta ao parlamento de Viena e é reeleito em 1911. Chama a atenção do estrangeiro, pela sua intervenção no processo de Zagreb. No inicio da guerra em 1914, parte para a Holanda, resollvido a preparar a dissolução da monarchia, prevendo o destino reservado aos eslavos da Austria, se esta vencesse: tem a intuição de que dela depende a existência do seu país. Nos fins de 1914, parte para a Italia e Suissa e trabalha na concentração dos emigrados tchecos. É considerado como chefe do Governo revolucionário. Em Genova junta-se a M. Benes, e no outono de 1915, visita Londres, onde é nomeado professor do *King-College*, enquanto Benes e Stefanyk trabalham em Paris. Em Maio de 1918, dirige-se á Russia, onde organisa as legiões tcheco-slovacas. em Março de 1918, atravessa a Siberia, o Japão, e passa aos Estados Unidos, afim de atrair a opinião publica, em prol da causa tcheca. Depois de quatro anos de ausencia, tendo realizado um trabalho monumental, o grande exilado, em Dezembro de 1918, volta triunfalmente ao seu paiz libertado, ocupando o seu logar no antigo castelo real. Aqui soube da morte do seu filho mais velho e da abalada saude de sua esposa, em virtude das angustias da guerra e das vinganças da policia austriaca, falecida pouco depois. Apesar destes successivos golpes, Masaryk, sempre infatigavel, trabalha, já com 79 anos, na redacção das suas memorias de guerra que acrescentará á extensa série das suas obras, de que damos a nota das principais:

Sobre o hypnotismo—O suicidio considerado como fenomeno social.—O calculo da probabilidade e o scepticismo de Hume—Blaise Pascal, a sua vida e a sua filosofia.—A teoria da historia de T. H. Buckle.—Sobre o estudo das obras poeticas (2 series)—Os elementos da logica concreta—A slavofilia de J. V. Kirejevsky.—Carlos Havlicek—A questào social—A poligamia e a monogamia—João Huss, o nosso renascimento e a nossa reforma.—A Russia e a Europa—A Nova Europa.

V A T I C Í N I O



Has de beber as lagrimas sombrias
que nesta hora eu bebo soluçando!,
e o veneno das minhas ironias
ha de rasgar-te os tímpanos cantando!

Has de esgotar a taça de agonias
neste sabor a odio... e, estertorando
has de crisar as tuas mãos vãs
de amor, como eu agora estou crispando!

E has de encontrar-me em teu surprezo olhar
com o mesmo sorriso singular
que a minha boca em certas horas tem.

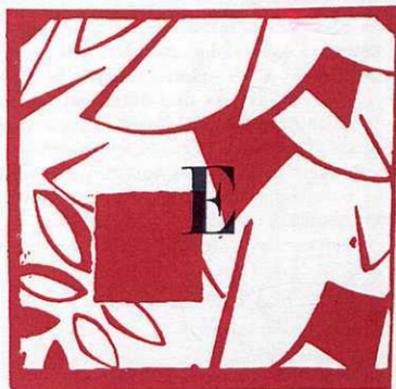
E eu hei de ver o teu olhar incerto
vagueando no intérmino deserto
dos teus braços tombados sem ninguém!

JUDITH TEIXEIRA

DEUS OS FEZ

EPILOGO DO ROMANCE DE DUAS ALMAS

POR ARMANDO FERREIRA



LA tinha 420 anos (quatrocentos e vinte anos). Ele tinha só 105 (cento e cinco). Mas apesar disso amavam-se, Ermengarda fôra o seu nome na terra quando ele ainda não pensava sequer em chamar-se Arthur. Sim, Arthur com *th* e o competente cabelo luzidio, negro, que fôra o seu orgulho na terra.

Nunca se tinham encontrado na transitória passagem pelo mundo material. Mas, ao sentirem-se perto uma da outra, naquele momento divino e supremo em que pela primeira vez estiveram em espiritual contacto, reconheceram-se:

— Finalmente encontro-te, alma gemea da minha, suspirou Arthur...

— És tu.... ou será ainda uma nova desilusão? perguntou Ermengarda. E as duas almas apaixonadas, aproximaram-se mais e começaram a caminhar, par a par, pelos campos sem fim do mundo astral...

— Buscava-te desde os meus verdes 20 anos... Por ti fiz versos que Soares de Passos invejou, a uma Biatriz, a uma Laura, a uma Henriqueta... Como todas amei e desprezei, como todas me amaram e não me compreenderam!!!... Se não eram a alma que eu buscava, se não eras tu...

— Já tinha morrido havia muito, cavaleiro...

— Não me chames cavaleiro... Eu sou poeta...

— Trovador, sim, também é lindo, mas eu tinha posto em minha mente que o eleito da minha alma, seria um esbelto cavaleiro que todos os dias ansiava descobrir ao longe, galopando para o castelo do senhor meu pai... Porque nasceste tão tarde, jovem menestrel?

— Não me trates assim, alma minha, como diria o meu colega Camões. Lá em baixo fui Arthur; podes chamar-me Arthur se fôr do teu agrado...

A alma de Ermengarda em extase:...

— O cavaleiro Arthur... O cavaleiro Arthur!!!! Escuta meu eterno amor... A minha historia é triste, muito triste... Tinha o corpo daquela a que fui destinada dezoito anos quando, pelo muito merecer de seus feitos na viagem com Vasco da Gama, o senhor rei D. Manuel, fez doação a meu pai e amo dum castelo perdido no Alemtejo. Eu era ávida então de bemquerença e amores; batalhadores, marinheiros me aborreciam, tão farta andava de historias de lutas, descobertas, valentias e ciladas. Passava dias inteiros debruçada da janela mais alta em busca dum sonho, dum menestrel, como nas canções do vate Rezende... Meu pai quiz porem entregar-me a um mercador jovem, muito rico, horrendo e cheirando a cravo de cabecinha, e pimenta em grão! Eu sou uma alma sensível, bem o sabeis, cavaleiro, e não pode resistir áquele ultrage aos meus sonhos... Depois

da minha oposição aos seus projectos, meu pai me lançou num atroz cativeiro, até que senti desprender-me do corpo lindo de Ermengarda aos 20 anos, e vim percorrer estes mundos sem fim, em tua busca...

Calou-se Ermengarda. A alma de Arthur acompanhava-a deleitosa e comovida. Tão entregues á sua felicidade vogavam que não viam as outras almas que no seu fadario eterno passavam perto.

E Arthur contou então:

— Pois eu desde que aprendi a ler senti acordar em mim a veia poetica; a minha primeira obra chamava-se *Filha de Escravo*, e veio publicada num jornal liberal o *Seculo XLX*; depois produzi imensos sonetos, imensas odes, de que formei um livro «*Grinalda de desilusões*». Julguei encontrar-te numa Biatriz, a espôsa dum negociante de panos crus, onde ia jantar aos domingos. . . tinha eu 19 anos! Ela suspirava ao ouvir os meus versos, mas, não compreendia o meu amor . . . ai não! Depois ameí outra, impossivel, tambem, porque era casada; no meu seculo, a maior fatalidade era amar-se uma mulher casada . . . Sofri, e procurei-te de novo. Foram 10? Foram 20? Não me recordo . . . Mas o que sei é que ao fim dalgum tempo, ao desfolhar-lhe a alma encontrava aquelas imperfeições que sempre me traziam o tédio e o esquecimento . . . A todas despedi com aquela frase sincera: «Não és a alma que eu idealizei . . . aquela que eu procuro . . .» Cré . . . Eu suspeitava da verdade; cheguei a escrever uma estrofe, imensamente triste, onde dizia:

Se minh'alma não encontrará a tua
A não ser nos destinos infinitos,
Porque me deste, ó Deus, este penar?! . . .
Porque fizeste, ó Deus, olhos bonitos!?

— Como me faz cair em tristura ouvir narrar vossas maguas. Prosegui de . . .

— Pensei em suicidar-me, mas, estava tão corriqueira a moda, entre os rapazes, que deixei seguir o destino . . . e o destino foi continuar a buscar-te em todas as fôrmas femininas que passaram ao alcance dos meus olhos tristonhos e da minha musa facil e ardente . . . Aos trinta e tres abandonei o corpo de Arthur, resequido e alcoólizado, numa água-furtada providencial, porque assim foi mais curto o caminho do ceu . . . E aqui tenho estado em tua busca . . . sempre . . . sempre . . .

Passavam almas de reis, de mendigos, de castelãs e modistas, almas de herois e almas de artifices, almas torturadas de assassinos e alminhas de virgens, todas entregues ao seu sonho eterno. E aquela par abstracto e sonhador, ia subindo, ia subindo, subindo . . .

E a novela continuar-se-ha no dia do juizo final.

ARMANDO FERREIRA



A letra está completa.
Esqueceram-se de compor
o que vem no verso do
original.
Recomendo o meu cuidado
a mim e envio um grande
abraço ao José Pacheco
Antônio

CANÇÃO

cn (N)ão. Beijemo-nos apenas /n
Nesta agonia da tarde.

mais unido (G)uarda #
Para um momento melhor
Teu fragil corpinho loiro.

mais unido (O)meu desejo não arde. #
E a convivencia contigo
Modificou-me, sou outro.

con (A)névoa da noite cahe. #

Que bem que fream as ro// /s/a/s
Nos teus cabelos doirados / !

cn (A)morte, #
Devia ser
Uma vaga phantasia /

cn (D)á-me o teu braço, não ponhas # /-
Esse desmaio na voz...

ds (S)im, beijemo-nos apenas. # /o

cn (Q)ue mais precisamos nós?

ANTÔNIO BOTTO

QUASI

na
muito
grande

Dois Corvos



la/la
+g/la
la

Arrumar o vidro, pôr prateleiras na vontade e na acção...
Quero fazer isto agora, como sempre quiz, com o mesmo resultado;
Mas que bom ter o proposito claro/firme só na clareza, de fazer qualquer coisa!

Vou fazer as meias para o Definitivo,
Organizar Alvaro de Campos,
E amanhã ficar na mesma coisa que antes de hontem—um antes de hontem que é sempre...

Sorriso do conhecimento antecipado da coisa-nenhuma que serei...
Sorriso ao menos; sempre é alguma coisa o sorrir.

Productos românticos, nós todos...
E se dão fossemos productos românticos, se calhar não seríamos nada.

Assim se faz a literatura...
Coitadinhos Deuses/ assim até se faz a vida!

Os outros tambem são românticos,
Os outros tambem não realizam nada, e são ricos e pobres,
Os outros tambem levam a vida a olhar para as malas a arrumar,
Os outros tambem dormem ao lado dos papeis meio compostos,
Os outros tambem são eu.

Vendedeira da rua cantando o teu pregão como um hymno inconsciente,
Rodinha dentada na relojoaria da economia politica,
Mãe, presente ou futura, de mortos no descascar dos Imperios,
A tua voz chega-me como uma chamada a parte nenhuma, como o silencio da vida...

Olho dos papeis que estou pensando em afinal não arrumar,
Para a janela por onde não vi a vendedeira que ouvi por ela,
E o meu sorriso, que ainda não acabara, acaba no meu cerebro em metaphysica.

Descri de todos os deuses deante de uma secretaria por arrumar,
Fitei de frente todos os destinos pela distracção de ouvir apregoando-se.
E o meu cansaço é um barco velho que apodrece na praia deserta,
E com esta imagem de qualquer outro poeta fecho a secretaria e o poema.

Como um deus, não arrumei nem a verdade nem a vida.

ALVARO DE CAMPOS



VARINA

O MAR é ela, /
ligeira arveola /
n'um vôo breve :
o mar é vê-la
vogar á vela ...
— Sáveira leve,
Salina, morena ...

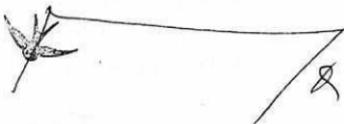
VARINA /
Salina, /
a ingana /s
disputa /
fatiga,
derróta /
a própria luta,
— cigana,
mas inimiga. /i
A sina
engana,
varina
morena! ...

MARÉ cheta ...
... maré vasia! ...
Senhora da Capdelária, /m
a sina é vária,
a sina varia,
a sina é sereia,
varina morena! ...
Eh! ~~veia~~ ... maré cheta! ... /eia! ...
oh! ~~fá~~ ... maré vasia?! /f

— A sina
eugana
varina
morena!

ANTONIO DE NAVARRO.

DE LONGE...



Quando partiste, supuz
 que muito iria sofrer!...
 que o sonho, em que se traduz
 minha razão de viver,
 morreria, como a luz
 á hora do entardecer,
 brandamente...

~~Outro~~
 Recover, ficando
 a empregar as
 centos; áms nos
mensis

é afinal fiquei contentel...

Quando estavas a meu lado/
 nem sabia
 se o amor é que trazia
 meu coração encantado...
 Era a tortura do olhar
 o teu olhar procurando,
 sem nunca bem o encontrar

6
E/quando

vinhas sentar-te mais perto,

era um maguado desejo

a pouco e pouco desperto

de matar num beijo

o teu sorriso brando...

Era a tortura das mãos,

adivinhando os afagos

que há nas tuas...

Anceios novos — tão vagos!

sempre novos — sempre vãos!...

Quando passavas na rua,

era o medo que te vissem,

com olhos que vêem tudo...]

e pressentissem

teu lindo corpo desnudo!...

Oh! a tortura de ver

aquilo que se não tem,

que se não poderá ter!

M. mas tu partiste, — Inda bem!

E quando
vinhas sentar-te mais perto,
era um maguado desejo
a pouco e pouco desperto
de matar num beijo
o teu sorriso brando...

Era a tortura das mãos,
adivinhando os afagos
que há nas tuas...

nceios novos — tão vagos!
sempre novos — sempre vãos!...

Quando passavas na rua,
era o médo que te vissem,
com olhos que vêem tudo...
e pressentissem
teu lindo corpo desnudo!...

Oh! a tortura de ver
aquilo que se não tem,
que se não poderá ter!
mas tu partiste. — Inda bem!

Agora sei que te quero
 com amor,
 como se quere uma flor
 pelo perfume que exala!

Recordo e espero,
 suavemente, na vida...
 só a saudade me fala

De ti
 e de tudo o que não vi
 na tua alma florida...

Assim tu me pressentisses!
 assim tu me adivinhasses!
 como foi bom que partisses!...
 quem me dera que voltasses!...

Os últimos 4 versos com
 maiúsculas

O último verso mais
 distanciando dos outros

PARADELA DE OLIVEIRA.